

Homenagem Postuma



PROF. DR. DOMINGOS ALVES RUBIÃO MEIRA

ORAÇÃO DE DESPEDIDA AO PROF. RUBIÃO MEIRA
PRONUNCIADA PELO PROF. A. DE ALMEIDA PRADO
POR OCASIÃO DO SAIMENTO DO SEU ESQUIFE, NO ANFI-
TEATRO DA FACULDADE DE MEDICINA DE S. PAULO.

Dr. Rubião

Deixai que vos chame assim pela derradeira vez, nesta fórmula breve e cerimoniosa, porque foi assim que me acostumei a chamar-vos desde os dias felizes da mocidade, numa atitude de respeito e carinho, que a mais íntima e constante amizade, posta à prova depois em anos de existência lado a lado, não alteraria jamais.

Foi assim que vos tratei pela primeira vez em que nos vimos, vai para 30 anos, quando moço e inexperiente, recém-nomeado professor substituto, me apresentei ao vosso consultório, para, convosco e sob vossas determinações, inaugurarmos juntos o magistério da clínica medica na nossa Faculdade, então no seu quarto ano de vida letiva.

Ereis moço, ardente, cheio de audácia e de imaginação, talentoso e culto, cercado de atenções e deferências especiais, solicitado como clínico dos mais acariciados pela fama, e mestre já consagrado por dois concursos feitos na Faculdade de Medicina do Rio, em que vos batestes com o escol da medicina da época; eu, ao envéz, era para vós um desconhecido, sem nome e sem credenciais, um médico recém-formado como tantos outros, a iniciar a carreira sob o signo de tão severas responsabilidades.

A cordialidade da recepção, o timbre de comunicativa afetuosidade que puzestes desde logo nas nossas relações, o incitamento recebido naquele, para mim, gratíssimo encontro, fixaram-se-me para sempre na memória e no coração. Eu necessitava de um acolhimento amigo, de uma palavra cordial e cálida — fostes aquele amigo e dissestes aquela palavra.

Nove anos de estreita colaboração e de contacto diário ensinaram-me, depois, a conhecer-vos melhor e a vos admirar cada vez mais. Fiquei conhecendo o valor de vossa cultura patológica, de vossas qualidades de médico, feitas de argúcia, de presteza de raciocínio, de penetração clínica ingênita; de vossos recursos de professor e, so-

bretudo, fiquei para sempre acorrentado à grandeza de vosso coração.

“Se a medicina não está toda na bondade — escreveu Miguel Couto — menos vale sem ela”. Fostes um nababo da generosidade, um perdulário da bondade. Como médico, nunca distinguistes o rico do pobre, e o dinheiro nunca teve para vós nenhuma significação material. Desconheceste, por completo, o que êle vale como pecúnia acumulativa, como meio de estabilidade e presumível fator de felicidade. Nunca sentistes a fascinação do seu prestígio e nunca vos prendestes às suas corruptoras tentações.

Por vossas mãos dadas, êle deslisou sempre transbordantemente, sem tisoná-las jamais com o ferrete da cupidez e da subserviência.

Nunca mercadejastes a medicina e soubestes sempre sobrepair às suas inevitáveis injunções práticas. Acima do trabalhador intelectual, que tira do ofício o seu exclusivo pábulo de subsistência, ficou sempre a dignidade do homem, como acima do profissional ficou sempre o médico, na sua acepção mais alta e mais nobre.

Assim era, assim foi e assim ficou sendo para sempre Rubião Meira.

Foi o seu mais belo exemplo e nem sei de outro elogio mais convinável à abençoada missão de sua existência.

Por isso nunca desmereceu, nunca decaiu, manteve, até o fim, até o último dia, o pôsto de primeira linha.

Sua bondade, contudo, não era inércia acomodática, nem passividade sistemática; ao contrário, foi sempre um lutador intemerato, um homem de combate, de reações prontas e vivazes. Por bem nada negava do seu; mas nunca recuou diante da violência e da intimidação. Que ninguém se enganasse com aquela cordura e equanimidade. Sob aquela bonhomia e placidez, havia estremecimentos vulcânicos imprevisíveis.

São reações, essas, abruptas e inesperadas, próprias de temperamentos fortes e másculos.

Os fenômenos morais, tanto quanto os físicos, são regidos por leis imprescreptíveis.

À semelhança de certas gigantescas correntes que atravessam as profundidades oceânicas — o Gulf-Stream — cujas camadas marginais são frias, mas cujas águas interiores, tépidas e azuis, fundem as massas congeladas, e por seus eflúvios bemfazejos, impedem que as terras circunjacentes sejam aprisionadas pelos grandes blocos de gelo, e sem cujo calor tudo se transformaria em desolação e morte, assim também um sôpro interior de vitalidade percorre e renova incessantemente essas personalidades vigorosas, biologicamente ricas de seiva e espiritualidade.

Rubião Meira foi um desses privilegiados. Daí, sua vida sobressalteada de alternativas dinâmica e sossegada, agitada e pacata a um só tempo; daí a atração que exerceu sempre sobre a juventude. Foi, na maturidade, um eleito dos moços, tal qual havia sido na mocidade o deslumbramento das velhas gerações.

Agora repousa para sempre o batalhador.

Seus discípulos, tantos quantos saíram da nossa Faculdade, ou mais exatamente ainda, todos os médicos paulistas; seus colegas, amigos e admiradores, o que vale dizer a própria classe médica a incontável legião de seus clientes; o povo, enfim, a massa indistinta das ruas, aqui acorreram para conduzi-lo à sua última morada.

Não há distinção de classe, não há matizes sociais diferentes — há um sentimento só, um só clamor, a afirmação incontida do mesmo estado de espírito. São todos, é a cidade inteira, que lhe pagam hoje o tributo do seu reconhecimento e gratidão.

As vozes que se erguerão agora à beira de seu esquife dirão o que êle foi, o que fez e o bem que esparziu a mãos cheias pela existência fóra desta nossa Faculdade. A minha, a voz de sua querida Faculdade, que êle viu nascer, medrar, crescer, até a sua suntuosidade atual, traz-lhe também as despedidas da Universidade, que ora represento, e a cuja causa, à frente da Reitoria, êle prestou tão instantes e preciosos serviços.

Mas não há palavras, nem expressões que dêem vazão ao tumulto dos sentimentos, à necessidade de extravasamento do mundo interior, na liberação angustiada do sofrimento.

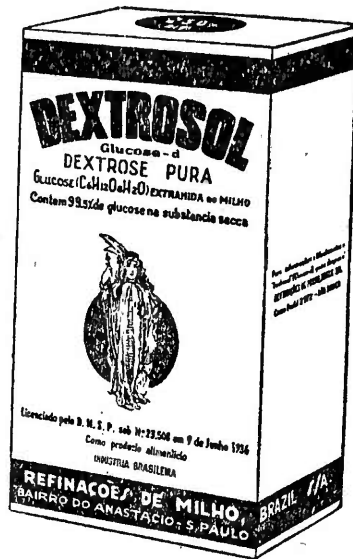
Diante do irreparável, do fato consumado, a sensação é de recolhimento, de aniquilamento integral, e a alma como que se fecha sobre si mesma, a dôr se cristaliza e “as lágrimas assumem os contornos das pérolas”.

Descansai, pois, nobre amigo, que nada mais vos posso dizer que já não tivestes adivinhado em mim em vida, que não tivestes sentido na continuidade de uma afeição que resistiu sempre aos tropeços e percalços que as vicissitudes da vida põem no caminho dos homens. E no momento em que vos contemplo pela última vez, segreda-me a consciência que não faltei nunca à lealdade que vos era devida e sinto o conforto moral de ter podido corresponder sempre às manifestações de vossa alentadora e dignificante amizade.

DEXTROSOL

(GLUCOSE — D)

QUANDO NÃO FOR POSSÍVEL INJE-
TAR O SORO GLYCOSADO, DEXTRO-
SOL IMPÕE-SE COMO SUBSTITUTO
POR VIA BUCAL



REFINAÇÕES DE MILHO, BRASIL S. A.
SÃO PAULO
Caixa Postal, 151-B

RIO DE JANEIRO
Caixa Postal, 3421